

Princípios para a proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica

Principles to an analytical model of typography proposal with semiotics approach

Brisolara, Daniela Velleda; Mestre; Universidade Federal do Paraná
danibrisolara@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta alguns princípios referentes aos aspectos visual-gráficos da tipografia e sua retórica visual e semiótica intrínseca. Tais princípios sugerem a possibilidade de uma abordagem semiótica (*peirceana*) para o desenvolvimento de um modelo analítico da tipografia.

Palavras Chave: tipografia, semiótica, modelo analítico

Abstract

This article presents some principles that refer to typography graphic-visual aspects and its intrinsically visual rhetoric and semiotics. Those principles suggest the possibility of (peircean) semiotics approach to development of an analytical model of typography.

Keywords: *typography, semiotics, analytical model*

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Introdução

Este artigo apresenta alguns princípios que norteiam o desenvolvimento de um modelo analítico da tipografia – ainda em andamento – com abordagem semiótica. A proposição de tal modelo – parte da pesquisa desenvolvida no mestrado em design – visa descrever semioticamente a tipografia, considerando seus atributos enquanto signo em si, enquanto signo que faz referência a alguma outra coisa e enquanto signo inserido e atuante num determinado contexto. Esta abordagem objetiva apontar os possíveis caminhos pelos quais deram-se as escolhas por uma determinada tipografia (*typeface*) e por uma determinada estrutura tipográfica. O artigo, entretanto, limita-se a apresentar as considerações teóricas (referentes aos aspectos visual-gráficos da tipografia e sua retórica visual e semiótica intrínseca) cujas argumentações sugerem que a articulação tipográfica opera em diferentes níveis semióticos e que estes estão diretamente relacionados às situações contextuais.

Semiótica da tipografia

Primeiramente, considerar a tipografia é entendê-la como representação gráfica da língua (um símbolo) através da escrita formalizada e estabelecida por convenções. Pode-se pensá-la ainda como a disciplina que se encarrega do estudo e da classificação de famílias ou tipos de letras, assim como do design de seus caracteres e sua composição para formar um texto, ou seja, seu ordenamento espacial de elementos, sua sintaxe (ARROYO, 2005).

Neste sentido, pode-se considerar o caráter fundamentalmente visual da tipografia – linguagem *visual* gráfica verbal, como indica a estrutura da linguagem de Twyman (1982) (fig.1) – além do verbal, visto que representa graficamente um código (verbal), ordenando elementos (signos tipográficos) de modo a estruturar a informação. Não somente o conteúdo verbal é determinante da potencial ‘leitura’, mas toda a estruturação tipográfica, desde as formas e atributos das letras até sua ordenação e relação com o espaço.

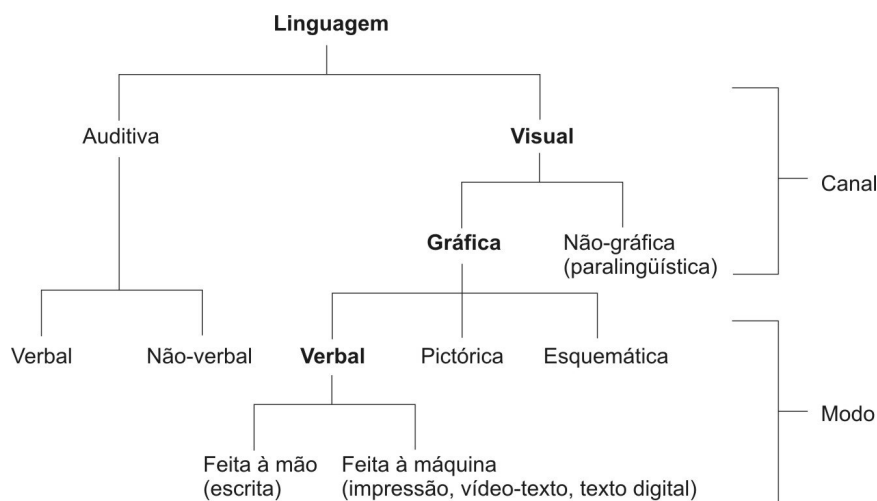


Fig.1: Estrutura da linguagem. Fonte: Adaptado de Twyman (1982, p.7).

Nesta acepção, Stöckl (2005), considera os elementos tipográficos como signos complexos que compreendem vários níveis semióticos. Primeiramente a tipografia serve para codificar uma linguagem (língua). Além deste nível elementar e automático, o tipo pode indicar a natureza do documento, valores emocionais ou ainda, indicar a condução da leitura através do layout, reforçando a estrutura temática de um dado texto e/ou facilitando o acesso à informação. Finalmente, num terceiro nível semiótico da tipografia, os signos gráficos podem assumir qualidades pictóricas: letras assumem a forma de objetos reais, ilustrando-os.

Estes três níveis semióticos da tipografia correspondem aos três tipos gerais de signos (em relação ao objeto dinâmico), de acordo com a semiótica peirceana¹ – ícone, índice e símbolo (STÖCKL, 2005). Assim, têm-se a essência simbólica do primeiro nível; a indexicalidade do segundo nível e a iconicidade do terceiro. Os aspectos conotativos e pictóricos da tipografia podem ser vistos, então, antes mesmo da decodificação simbólica do processo de leitura, como figuras gráficas que conduzem o olhar à percepção das propriedades gestálticas da “imagem” (STÖCKL, 2005).

Leeuwen (2005), toma o sentido do termo ‘conotação’ como uma ‘importação’ de signos de um determinado âmbito para dentro de outro, onde, até então, não foram usados. Entende, assim, o aspecto conotativo como um recurso para a produção potencial do sentido, podendo restringir-se quando a fonte (tipografia) é usada num contexto específico, pois seu entendimento baseia-se no conhecimento cultural.

Outro princípio semiótico apontado por Leeuwen (2005, p.140) é o da metáfora, ou ainda, “do potencial metafórico de características específicas das letras”. Segundo ele, os caracteres tipográficos vão além das considerações sobre sua legibilidade (ser mais ou menos legível) ou apreciação estética (ser mais ou menos agradável esteticamente), podendo transmitir significados sobre eles mesmos. Através de características peculiares como peso, ângulo, arredondamento, formato, etc., os caracteres tipográficos podem, então, funcionar como metáforas, evocando sentidos relacionados a estas características (e.g. fonte ‘arredondada’ servindo como metáfora para ‘organicidade’, ‘naturalidade’, ‘feminilidade’).

Dessa forma pode-se pensar numa iconicidade tipográfica em sentido estrito, englobando as três distinções do hipoícone – imagem, diagrama e metáfora (Peirce, 2000). Enquanto na *iconicidade imagética* da tipografia caracteres e textos assemelham-se a, substituem ou formam figuras reconhecíveis, na *iconicidade diagramática* são representadas relações estruturais. Em estruturas tipográficas, com suas subdivisões em capítulos (no caso de livros), frases, pontuação, ênfases, espaçamento, hierarquia e demais atributos gráficos (diagramação), pode-se observar a constituição de um *diagrama* das relações estruturais do texto (NÖTH, 1995). Finalmente, numa *iconicidade metafórica* da tipografia têm-se as características peculiares das letras evocando significados, como já mencionado, além das relações diagramáticas estruturais reconhecidas por convenção, como aquelas cujas características tornaram-se habituais e corriqueiras (relação entre a letra diagramada e o conteúdo do texto).

¹ Charles Sanders Peirce (1839-1914)

Retórica tipográfica

A tipografia também pode ser entendida em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Neste sentido, o nível sintático da tipografia compreende todos os arranjos e combinações de elementos tipográficos no espaço da página ou a estrutura do documento; a semântica da tipografia reside na abundância de significados conotativos derivados dos detalhes gráficos e nas qualidades pictóricas. E, finalmente, a pragmática da tipografia se encarrega em avaliar o uso correto do tipo (e elementos gráficos do texto) para assegurar a eficácia dos efeitos pretendidos (STÖCKL, 2005).

Essa eficácia da tipografia é determinada pela retórica: relações entre o designer, a audiência (leitor/usuário/consumidor) e a articulação entre texto, imagem e contexto (GRUZINSKY, 2004). Alguns estudos sobre design do texto e leitura, porém, concentram suas investigações em questões referentes ao armazenamento e processamento da informação, desconsiderando as competências tipográficas (articulação retórica) das estruturas textuais e, por isso mesmo, todas as relações que podem ser estabelecidas a partir delas (BRISOLARA & FONTOURA, 2007).

Tais competências operam, ao mesmo tempo, a retórica verbal e a retórica visual, uma vez que as letras são signos tanto lingüísticos quanto visuais, e, ao se utilizarem de artifícios discursivos, como as ‘figuras de retórica’, exercem várias ‘funções’, expressivas, informativas e comunicacionais (ARROYO, 2005; EHSES, 1988).

Abordagem semiótica para descrição tipográfica

Segundo Walther-Bense (2000), os signos são criados e usados com determinados objetivos, seja para dar expressão a algo, executar determinadas tarefas, representar ou comunicar algo a alguém. Servem, então, de um modo geral, para a expressão (ou seja, para a *formação*), para a representação (para a *informação*) e para a transmissão (*comunicação*).

Para que cumpra tais funções, os signos não dependem somente de ‘convenção’, de repertório, mas também de que funcionem numa determinada ‘situação’. Conforme afirma Walther-Bense (2000), o signo é compreendido, em primeiro lugar, como meio de um repertório, em seguida vinculado a um ‘domínio do objeto’ (a que o signo se refere) e a um campo de interpretação (domínio do interpretante), bem como a um ambiente, uma situação (contexto de uso do signo) e, finalmente, a um determinado canal de comunicação.

Tratando-se, então, de signos tipográficos e sua descrição visando investigar as escolhas por uma determinada tipografia e sua articulação, parece pertinente a adoção de uma abordagem semiótica.

De um modo geral, os métodos para descrever a tipografia recorrem à terminologia dos elementos tipográficos, renomeando-os ou reagrupando-os (STÖCKL, 2005), de acordo com as peculiaridades lingüísticas da situação a ser analisada, mas não dão conta dos aspectos semânticos e/ou contextuais.

Considerações finais

Conforme indica a literatura, a retórica tipográfica e a ‘semiótica natural’ da tipografia sustentam, sistematizam e auxiliam o estabelecimento de diretrizes visuais concisas.

Adotar a análise semiótica como estratégia para descrever a tipografia, é considerar, além de suas características sintáticas (como apresentam a grande maioria dos modelos), os aspectos referenciais (semânticos) e contextuais (pragmáticos) que lhes são inerentes.

Referências

ARROYO, Roberto Gamonal. Tipo/Retórica: Una aproximación a la Retórica Tipográfica. In: **ICONO - Revista de Comunicación Y Nuevas Tecnologías**, vol 14, n. 5, 2005.

BRISOLARA, Daniela; FONTOURA, Antônio. Contribuições e lacunas da psicologia cognitiva em pesquisas sobre design informacional textual. In: 3º Congresso Internacional de Design da Informação. **Anais do 3º Congresso Internacional de Design da Informação**. Curitiba: SBDI, 2007.

EHSES, Hanno. Rethorical Handbook: An Illustrated Manual for Graphic Designers. In: **Design Papers 5**. Halifax, Canada: Design Division, Nova Scotia College of Art and Design, The Herb Lubalin Study Center of Design and Typography; New York: The Cooper Union, 1988.

GRUSZYNSKI, A. C. Retórica tipográfica e leitura. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação **Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre, 2004.

LEEUWEN, Theo van. Typographic meaning. In: **Visual Communication**, v.4, n.2, p.138-143, 2005.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce** (Cambridge: Harvard Un., Press, 1931-1935). Tr. Bras. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

STÖCKL, Hartmut. Typography: body and dress of a text – a signing mode between language and image. In: **Visual Communication**, v. 4, n.2, p.204-214, 2005.

TWYMAN, Michael. The graphic presentation of language. In: **Information Design Journal**. John Benjamins Publishing Co., v.3, n.1, p.2-22, 1982.

WALTHER-BENSE, Elisabeth. *A Teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.